



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14182 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

NO BANZEIRO DA ESCRITA: RESSONÂNCIAS EDUCATIVAS DE CARTAS NA FRONTEIRA CERRADO/AMAZÔNIA.

Veronete Dias Gomes - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

NO BANZEIRO DA ESCRITA: RESSONÂNCIAS EDUCATIVAS DE CARTAS NA FRONTEIRA CERRADO/AMAZÔNIA.

Resumo: Este texto objetiva analisar cartas que apresentam significados das propostas educacionais e práticas educativas porque versam sobre ensino e políticas de escolarização no território do Araguaia/Xingu/MT, na década de 1970. Tais escritos compõem um conjunto de documentos sobre a educação no Arquivo da Prelazia, circulam pelas redes sociais e grupos identitários da região e constituem suporte da cultura, da memória e da identidade de setores da população explorada e subjugada pelos dirigentes políticos e de empreendimentos que ali se instalavam. Com base no paradigma indiciário de Ginzburg (1989) e com as contribuições dos estudos sobre conteúdo de cartas, delineadas por Gomes (2004) e Mignot & Cunha (2006), analisei vestígios e sinais presentes nesses dispositivos de escrita que traduzem lembranças de práticas escolares, sentimentos de pertença e atividades de ensino desenvolvidas. As narrativas contidas nas cartas de ex-alunos são ressonâncias de propostas educativas, modos de ensinar, formas de viver a cidadania, pois denotam anseios, conquistas e visibiliza a crença em educação destinada às camadas populares, conforme propostas publicizadas em informativos e, principalmente, a partir das denúncias, particularmente, na Carta Pastoral do Bispo Casaldáliga, em cuja oportunidade exigia cidadania e libertação daquela geração.

Palavras – chave: Cartas, educação, Araguaia/Xingu, Casaldáliga.

A constituição do banzeiro das palavras ^[1]

As cartas constituem memórias que narram acontecimentos, confirmam ou deixam na incerteza as lembranças de tempos remotos ou do presente. Denotam culturas e práticas que

constituíram sujeitos na/da história. Cartas e outros tipos de registro de vida pessoal são históricas; podem construir e difundir elementos socioculturais e intensificar significados que os testemunhos de acontecimentos publicam como verdades de um tempo, de um povo e da arte de construir experiências na vida.

Nesse aspecto é que algumas narrativas, presentes em cartas, serão tratadas neste texto, no qual procuro problematizar a qualidade desses conteúdos presentes nas cartas e a relevância desse dispositivo como fontes à escrita da história da educação no Araguaia/Xingu. O objetivo é construir sentido particular a respeito de cartas que aqui tem seus conteúdos compreendidos como ressonâncias das propostas educacionais alicerçadas por Casaldáliga junto com professores e agentes pastorais da Prelazia de São Félix do Araguaia.

Ao prosseguir com a escrita faço uma interconexão entre o pensamento de Ginzburg e as contribuições dos estudos em torno da produção da memória e da constituição da cultura; particularmente porque constituem elementos que não podem ser negligenciados na escrita da história da educação. As cartas contêm informações, ainda que imprecisas, que são “vestígios” de culturas e práticas experimentadas pelas pessoas ou agrupamentos sociais em determinadas épocas. Portanto exige trabalhar com “[...] elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição”. (GINZBURG, 1989, p. 179).

Como fontes, as cartas, nas suas atualidades, “nos interpelam”, particularmente, em função do tema que se possa pesquisar. Afinal, é um primor conseguir documentos como esses pelas circunstâncias da sua produção, recepção e dos objetivos do destinatário. Cartas, trazem marcas e permitem abordagens precisas e preciosas de algumas realidades. Isto porque, “escrever cartas exige tempo, disciplina, reflexão e confiança”. Não é somente um ato mecânico do uso de papel e tinta, há “uma razão ou razões para fazê-lo: informar, pedir, agradecer, desabafar, rememorar, consolar, estimular, comemorar etc. (GOMES, 2004, p. 19 - 20).

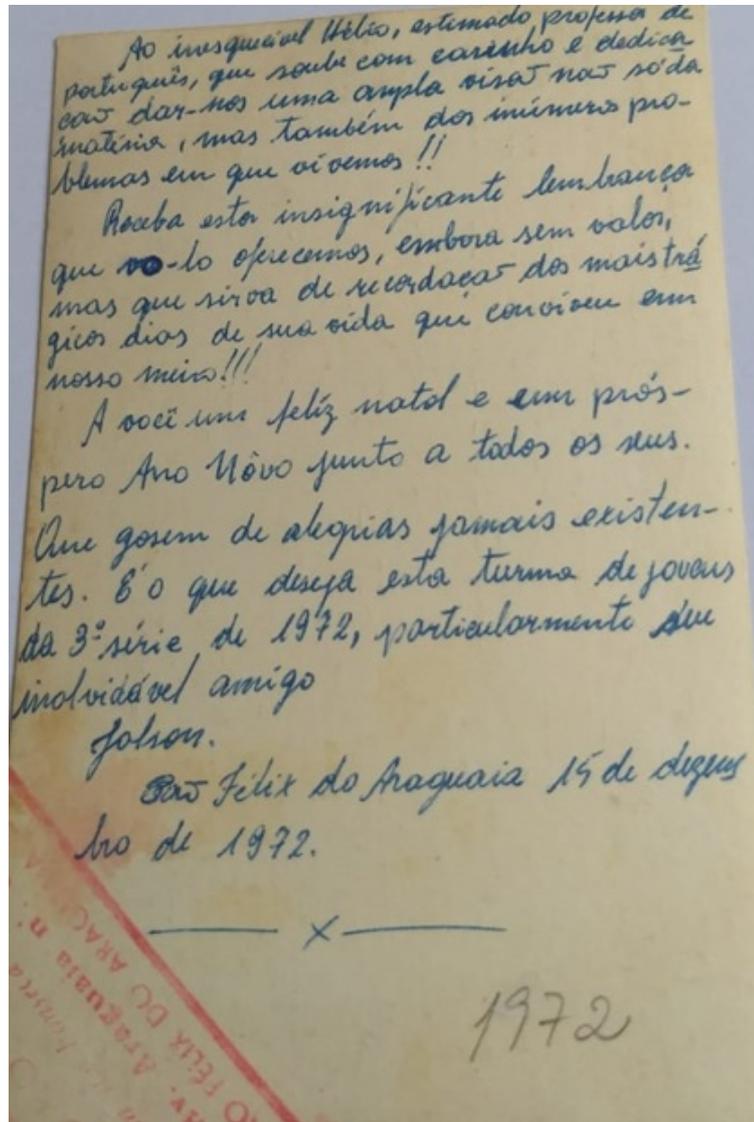
Para Mignot, Cunha (2006, p.56) “[...] esses documentos tratam também das reformas educacionais, das políticas, das propostas de ensino, na perspectiva daqueles que acatam ou subvertem as imposições [...]. As cartas, cada uma com sua particularidade e tipo de realização, constroem entendimentos instigantes sobre certas realidades e complementam, com muita segurança, percepções de situações, criação de possibilidade para definições, tomadas de decisões e realizações que tornaram compreensíveis alguns acontecimentos expressivos ou fatos, às vezes, aparentemente irrelevantes, mas, elucidativos de circunstâncias.

O Araguaia/Xingu por entre papel e tinta: inspirações, memórias e educação

As cartas possuem os próprios significados. Quando se trata de demonstrar ou de constituir memória de uma geração, ou de um grupo de estudantes, como nos casos de escolas, de relações de saberes por quem cria conexões pedagógicas e humanas, as cartas são convites à pesquisa e motivadoras por outras inserções investigativas.

Uma dessas cartas disponível no arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia e que circula pelas redes sociais do Araguaia/Xingu constitui uma fonte imprescindível para conhecer as ressonâncias das vozes de Casaldáliga, materializada nas ações de professores, de agentes pastorais e lideranças da Prelazia no decorrer dos anos de 1970.

Imagem 1: Carta de estudantes para professor



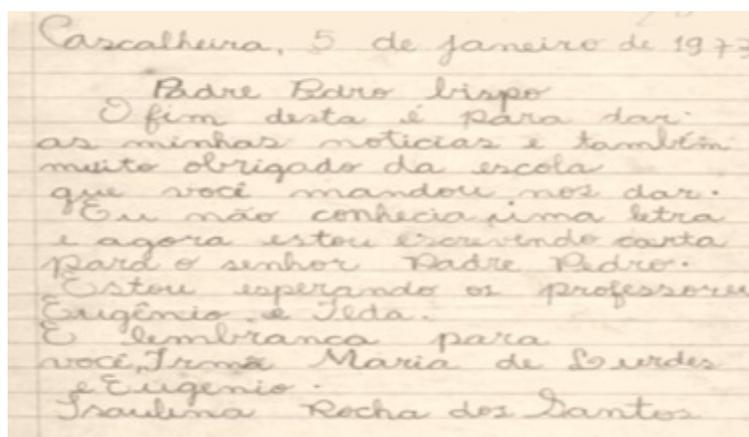
Fonte: Arquivo da Prelazia de São Félix/1972

A carta aparenta uma escrita coletiva, pelo menos com orientação de alguns ex-alunos. A tinta e o papel foram elementos cruciais nessa carta de registro da memória. As palavras foram cuidadosamente caligrafadas e demonstram os valores dos professores que lhes ensinaram. Também ajuda a pensar no temor e na sutileza da escrita por falar de temas que são seriamente preservados, ocultados e preocupantes até hoje. De início, o escritor da carta tenta estabelecer a relação de proximidade, de intimidade com o destinatário, como se a escrita reconstruísse uma aproximação. Como registra Gomes (2004, p. 20) “Escrevendo, é possível estar junto, próximo ao “outro” através e no objeto carta, que tem marcas que materializam a intimidade e, com a mesma força, evidenciam a existência de normas e

protocolos, compartilhados e consolidados”. De fato, essa situação fica compreensível nessa carta endereçada ao Sr. Hélio. Para quem pouco conhece sobre esse período no Araguaia/Xingu, sobram dúvidas. Aos que conhecem partes dos acontecimentos abrem-se possibilidades. Todas elas ligadas a ditadura militar/empresarial e as considerações inverossímeis que os militares tinham por Casaldáliga e pelos professores daquela escola.

A segunda correspondência é uma fonte encontrada no Arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia. Folhas e tintas marcadas pelo tempo. Com uma característica peculiar, o teor da correspondência foi significativo para quem escreveu, para quem recebeu e, constitui material imprescindível para quem tem acesso a esse tipo de fonte qualitativamente conservada, em função das suas informações. Vejamos:

Figura 1: Carta de estudante para Casaldáliga



Fonte: Arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia/ 1973

A simplicidade fica evidente no conteúdo registrado manualmente na carta. Desde as letras a objetividade do texto, a busca pela visibilidade e relembração da emissora da correspondência deixa a mostra que não era por falta do que falar, não era por carência de assunto para conversar com Casaldáliga. Considero que se trata de uma escrita em que a finalidade está presente na utilização da arte de escrever. De maneira singular, na demonstração do jeito próprio e não por terceiros no uso do papel e da tinta para se comunicar com o idealizador da educação ginásial e de adultos no Araguaia/Xingu.

Uma construção de significados que podemos pensar por vários modos, mas aqui queremos pensar a criação de uma representação significativa de Casaldáliga como se Pedro tivesse condições de determinar, de dar, enfim, de fazer acontecer a vida. Quando, na realidade, Pedro ensinava justamente o contrário, a ação coletiva como a expressão das lutas reivindicatórias e das conquistas sociais. De todo modo, uma ligação sentimental, talvez religiosa e de uma espiritualidade extraordinária para quem escreveu. Como ensina Gomes (2004, p.19) “Escrever cartas é assim “dar-se a ver”, é mostrar-se ao destinatário, que está ao mesmo tempo sendo “visto” pelo remetente, o que permite um *tête-à-tête*, uma forma de presença (física, inclusive) muito especial. Tal constatação é plena de desdobramentos”. Fator preponderante que considero inestimável neste tipo de carta. A remetente se dá, efetivamente,

a ver, se realiza na escrita a ponto de tentar fazer o bispo lembrar dela, ou de reconhecê-la pela participação na escola que Pedro coordenou a construção.

O conteúdo dessa carta mostra rastros daquilo que se deve compreender a respeito desse tipo de correspondência. Ao oferecer momentos de sociabilidade, de estreitamento de relações, as cartas são portadoras de sentimentos, de emoções. Exatamente porque o nível de confiança de quem recebe a carta propicia segurança que justifica a destinação como fontes de conhecimentos sobre alguma realidade, particularmente em função do que se pode dizer entre duas pessoas. Até porque, as cartas configuram “[...] um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento (ou o rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos.” (GOMES, 2004, p.19).

Nesse caso, é exigente certo rigor na verificação das condições de escrita, nos objetivos para as quais foram propostas e, prioritariamente, na conexão que estabeleceram com as pessoas receptoras desses registros. Afinal, a carta na sua singularidade pode expressar motivações tão pessoais e intimidades que somente o conhecimento sobre as partes pode ajudar na análise das informações que esse tipo de documento pode oferecer. Esses escritos são, inclusive, tradutores dos modos como a população em seus vários setores sociais comungavam conteúdos educativos, clamores pela cultura, pelo ensino, escolarização, pelo acesso ao conhecimento, como o Bispo Pedro escreveu em diversas partes da Carta Pastoral. No banzeiro das palavras, a fronteira entre o cerrado e a amazônia se movimenta nas lutas e labutas pela educação.

Na Carta Pastoral (1971, p. 25), Casaldáliga registrou e publicizou o trabalho coletivo que comungava, contando com a presença de “leigos brasileiros” vinculados a Prelazia “. Boa parte deles exercendo atividade no ensino ginásial, no primário e na alfabetização de adultos, nas Campanhas Missionárias, na catequese e na promoção humana. Em São Félix, naquele ano, por exemplo, o Bispo contava, inclusive, com cinco “leigos universitários”. Essa era a forma de organização e difusão do trabalho que Casaldáliga e a equipe pastoral desempenhavam. Justamente porque para o Bispo a região era um território um tanto inóspito e, assim, entendeu que não se podia fazer somente evangelização, visto que naquele momento no Araguaia/Xingu as exigências eram prementes, de modo singular em “[...] saúde, em ensino, em comunicações, em administração e em justiça. Faltava no povo a consciência dos próprios direitos humanos e coragem e a possibilidade de os reclamar. E o que não faltava era gritante, acusador. (CASALDÁLIGA, 1971, p. 25-26). Ao relacionar a Carta Pastoral com as cartas aqui analisadas verificamos essa carência de ensino escolar descritas por Casaldáliga. Se dispor ao trabalho coletivo era o principal convite na Carta Pastoral.

A história da educação em círculos: escritos na encosta do Araguaia/Xingu.

Há que se calar ou há o que falar? Será que posso escrever? Eis questionamentos que durante décadas foram pensadas por uma parte da população do Araguaia/Xingu. Vivendo um movimento intenso por entre a Guerrilha do Araguaia e a ditadura militar brasileira, um

homem, cravou um projeto de vida, pessoal e coletivo. Nascia a Carta Pastoral de Pedro Casaldáliga e a partir dela desejava fazer ressoar seus objetivos. Nela constava palavras, pensamentos e gestos concretos como denúncias expressas como uma esperança, mostrando caminhos e modos de caminhar que propiciaram experiências de vida relembradas nas narrativas aqui analisadas.

Estas cartas foram compreendidas como ressonâncias das utopias, das vozes de Casaldáliga e do trabalho meticuloso com a educação e o ensino escolar que por décadas serviram como estímulos à resistência, reivindicações e lutas por condições concretas de vida de um povo. Desde a alfabetização, passando pelo exercício de cidadania até a construção de escolas como estão presentes na Carta Pastoral de Casaldáliga. As demais cartas são ressonâncias e memórias do trabalho educativo de Casaldáliga.

O referencial teórico/metodológico contribuiu para a sustentação do pensamento sobre a utilização de cartas e sobre os modos como foram utilizadas neste trabalho investigativo. Tal perspectiva auxiliará a desenvolver minha capacidade de pensar este tipo de fonte documental no decorrer da pesquisa do doutoramento e como inspiração para outros trabalhos como pesquisadora da história da educação. As cartas permitem trabalhar com as emoções, com os sentimentos mais profundos do ser humano, sem esquecer a qualidade das informações contidas nessas fontes que podem estar preenchidas por realidades ou por indícios, vestígios ou mesmo sinais de verdades sobre as experiências de vida de pessoas e de grupos sociais.

REFERÊNCIAS

CASALDÁLIGA, Pedro. **Carta Pastoral: Uma igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social**. Prelazia de São Félix do Araguaia 1971.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 2 ed. Trad. Frederico Carotti, São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova**. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. O carteiro e o educador práticas políticas na escrita epistolar. Texto apresentado na mesa-redonda “Leitura, escrita e práticas educacionais”. **1º Colóquio Internacional de História do Livro e da Leitura do Ceará**. Fortaleza/2004.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em Arquivos de professores/as. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 40-61, jan./abr. 2006.

MOURA. Clóvis. Forças guerrilheiras do Araguaia. **Diário da guerrilha do Araguaia**. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

[1] Mais que qualquer outra interpretação de dicionário, a ideia de banzeiro aqui é no sentido de pensar o evento como um movimento das águas que desnaturaliza quase tudo e provoca novas situações. Criam fluxos diferentes, estendem o leito para abraçar outras porções. Banzeiro como sinal de alerta, como busca por outras experiências, como um deslocamento que promove transformações no cuidado de si e cuidado do outro. Banzeiro, porque escrevo pensando o lugar da pesquisa e o Rio Araguaia que faz vida naquela cidade ao lado da Ilha do Bananal